

MARCA DO PARA HORA CERTA O GRANDE «SISMO» FALTOU...

— Estou aqui com a família toda porque ouvi dizer que Úrano entra em contacto com a Balança, e essa situação pode determinar ondas magnéticas que não se sabe o que podem dar... Mas tenho fé em Deus, que é a única coisa em que se pode confiar.

Sírio Carapinha, enfermeiro, trinta e poucos anos de idade, diz-nos assim, às 4 da madrugada, das razões que o fizeram sair de casa, passar a noite em claro, à espera de um sismo que talvez abalasse Lisboa daí a uma hora, hora e meia, conforme as fontes mais ou menos «bem informadas»...

Não está só com a família, de resto. Centenas de lisboetas amedrontados seguiram-lhe o exemplo e o Aeroporto, onde o encontramos, está assim, subitamente, transformado no local de refúgio e «salvação» para todos os que, cientificamente mal informados e susceptíveis aos boatos e às crendices, não quiseram saber de desmentidos oficiais, nem da anunciada impossibilidade científica de prever sismos.

LEITOS DE OCASIÃO...

Da Rotunda ao Aeroporto a estrada é um caudal de carros parados ou em lento movimento. O largo fronteiro ao edifício da aerogare está cheio de automóveis. Lá dentro, os bancos de trás estão transformados em leitos de ocasião, de onde emergem estranhos vultos embrulhados em mantas de viagem. Nos bancos da frente, cabeceiam rostos sonolentos, encostados às janelas.

Há, quem, porém, não esteja ali dominado pelo medo... ou bancos, passando de um lado para o outro, ou simplesmente conversando para matar o tempo, centenas de pessoas esperam...

Nem todos, porém, estão ali dominados pelo medo... ou

VICE-PRESIDENTE DO MUNICÍPIO DE ANSIÃO

LEIRIA, 14 — No Governo Civil deste distrito tomou posse do lugar de vice-presidente da Câmara Municipal de Ansião o sr. Alfredo Coelho, considerado comerciante de Avelar, onde, à frente da Fundação de Nossa Senhora da Guia, tem desenvolvido notável obra de assistência. A posse foi-lhe conferida pelo sr. José Damasceno de Campos, governador civil de Leiria, e ao acto estiveram presentes muitas individualidades de Avelar.

O sr. Alfredo Coelho proferiu um discurso em que afirmou os seus propósitos de trabalhar com entusiasmo e dedicação pelo progresso do concelho e da sua terra.

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIÕES DA «P. A. A.»

pelo receio confesso. Muitos jovens riem em grupos pequenos de quatro ou cinco. Um ou outro par aproveita a inesperada noite de liberdade para, de mãos dadas, passear ao agradável da noite. Ao longe, os pais velam por eles... ou pelo sismo que há-de vir? (Ou talvez não venha, nunca se sabe, o melhor é, pelo sim pelo não...)

Mais adiante, um grupo ruidoso de jovens manifesta-se. Para eles o hipotético abalo de terra é o seu pequeno Carnaval. Ri-se, contam-se anedotas; o Aeroporto é o local da grande e inesperada romaria da banal noite lisboeta.

— Estamos aqui a ver o «pagode», por curiosidade — dizem Shaeffer Dias, estudante universitário, acompanhado de um amigo, estudante de Direito.

— Medo, não têm? — Medo de quê, a gente deita-se sempre a esta hora, hoje até há desculpa.

UM MIÚDO NA MADRUGADA

Quatro e meia da manhã... Vamos correr Lisboa, o sismo «aproxima-se»... Na avenida do Brasil, o edifício do Laboratório Nacional de Engenharia Civil tem duas ou três janelas com luz. Cá fora, a rua é um deserto. Pelo Campo Grande fora, dois ou três carros, o habitual. Avenida da República, Marquês de Pombal, avenida da Liberdade... a Lisboa de sempre, a esta hora. Isolados noctívagos arrastam a solidão do fim da noite, caminhando devagar pelas placas centrais.

No Rossio, uma camioneta da Câmara despeja água, lavando os passeios das últimas chuvas. No Arco do Bandeira, um guarda-nocturno completa a moldura.

O Terreiro do Paço é uma praça vazia. Pachorrento, um primeiro «eléctrico» liga Xabregas a Belém.

Campo das Cebolas, São Tomé, Santa Clara, nem rivalma. Na esquina da rua da Voz do Operário um garoto sózinho parece olhar o frontão de São Vicente. O miúdo corre, rua abaixo. Não estava ali a ver o sismo...

«SE NOS TROUXESSE UMA PINGA...»

São quase cinco horas. Da mos um «salto» a Monsanto. Num dos parques de Montes Claros há uma vintena de carros parados. Dentro dorme-se. Ouvimos o sinal horário no «arádio» de um automóvel. Fora, seis bem dispostos lisboetas riem-se, mal nos vêem aproximar.

— Se nos trouxesse uma «pinga», para aquecer — comenta um deles.

Falamos-lhes do sismo, do tal que há-de vir, e, ao que parece... está quase na hora

— Eu sei que sismos não se podem prever. Em astrólogos também não acredito, mas, olhe, diga-me lá quem é que não tem medo? — responde-nos, com uma pergunta, o mais sério dos companheiros José Francisco Marques, funcionário do Totobola.

Caminhamos pela auto-estrada Do Gabinete da Ponte sobre o Tejo comunicam-nos que o trânsito durante a noite foi o habitual.

Quase cinco e meia. Junto ao Liceu Maria Amália três mulheres do povo caminham pela rua fora, conversa no ar para as companheiras.

— Qual sismo... Eu vou é para o meu trabalho, fazer limpeza, entro às 6 da manhã moro no bairro d. Camplide — ri-se para nós Maria Fernanda Martins.

— Mas do sismo não teve medo? — insistimos.

— Não. Olhe, sabe o que lhe digo? Se pensasse que o Mundo ia acabar quem não ia trabalhar era eu. Ficava em casa, agarrada aos meus filhos, que tenho lá seis...

«A ESTRELA DO SENHOR ESTEVE SEMPRE ALLI...»

Cinco e meia, avenida do Brasil, de novo. Junto à Rotunda, percebe-se já o fim da noite de vigília.

Minutos depois, do Aeroporto regressa-se... ou fica-se ainda, para uns momentos de conversa.

Apanhamos ainda um casal, sentado num banco, chapéu de chuva a cobri-los ambos, manta pelos joelhos.

— Medo não tivemos. A estrela do Senhor esteve sempre ali, a olhar para nós... E hoje, dia 13 para 14, a Nossa Senhora de Fátima não nos podia abandonar — confessa-se-nos Augusto do Carmo, guarda da P. S. P., aposentado.

E sobre o sismo, afinal a razão da sua presença ali:

— Tenho muita fé... mas como moro numa cave de um prédio de sete andares, olhe, tive medo... Somos velhos, mas passámos aqui a noite inteira.



Seis e meia da manhã. A Baixa povoa-se lentamente. «Carros-operários» seguem pelas linhas apressadas. A rua perdeu o silêncio do deserto de há pouco. A porta do mercado da Ribeira, uma mulher é um vulto de frio coberto por um xale.

— Levante-me às 6 da manhã todos os dias para vir vender aqui em frente do mercado. O meu nome? Maria da Conceição, 38 anos, vendedeira.

— E o sismo?

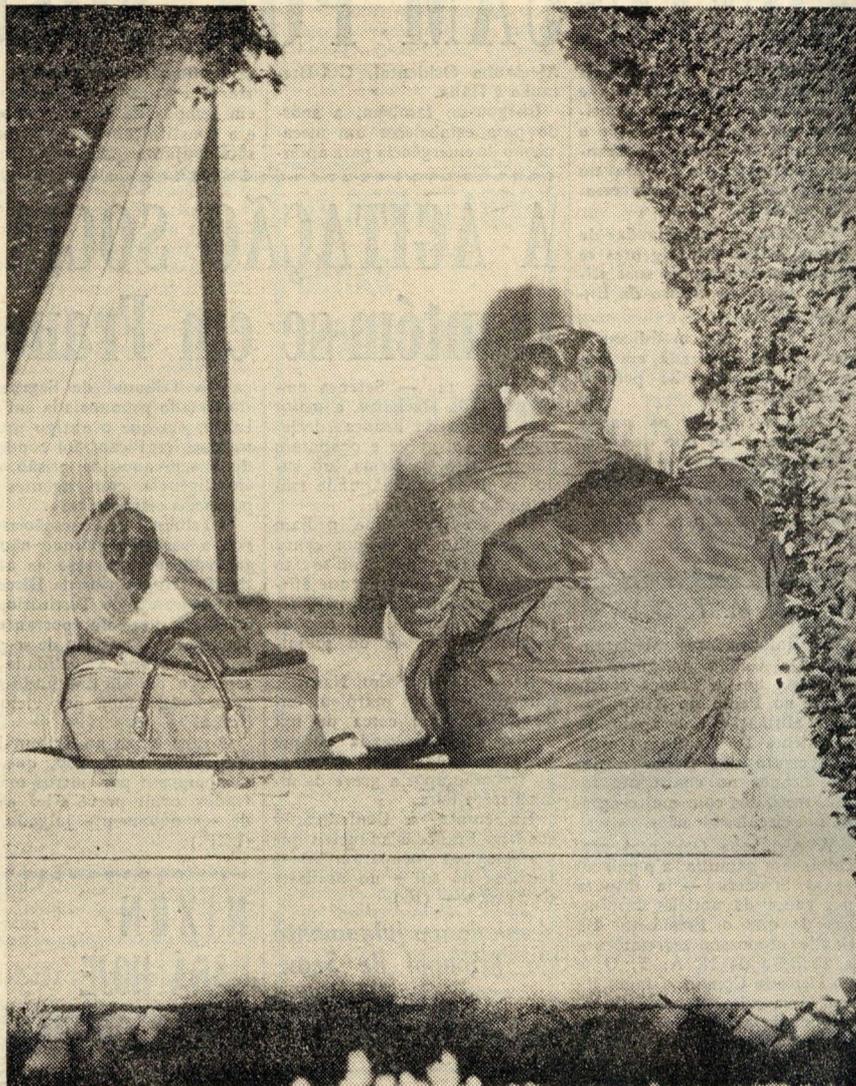
— Qual sismo?... Tenho lá dois filhinhos em casa...

— Tiveram medo?

— Um tem dois anos, o outro cinco meses... que é que percebem disso?!

AEROPORTO

— EIS O LARGO DO GRANDE MEDO DE ALGUNS



Nas instalações sanitárias do aeroporto, estes três assustados lisboetas encontraram o refúgio para uma noite de vigília forçada...

ALEGRIA DE ESTUDANTES A ESCONDER O MEDO...

O boato entrou na cidade e as gentes deixaram-se possuir por tenebrosos medos, enquanto imaginavam imminente catástrofe. Cuidaram de se afastar dos edifícios que poderiam esmagá-las e abandonaram os lares, procurando espaços largos, onde pudessem atenuar o terror da morte.

É praticamente impossível avaliar quantos automóveis se encontravam em Monsanto, particularmente na zona da Serafina, mas, na avenida Gago

Coutinho e em toda a área da Portela, o número de veículos poderia ser contado por milhares.

Mulheres oravam, algumas de rosário nas mãos, e os homens permaneciam, ora risinhos, ora meditabundos, ora sonolentos. Incrível agitação apoderou-se de toda essas pessoas a partir das 2 horas da madrugada, pois todos contavam com o grande sismo que arrasaria Lisboa...

As 2 e 45, um estudante liceal, de 17 anos, encontra-se sentado num dos bancos de jardim mais próximos da entrada para a recepção do aeroporto. Veste um fato muito leve e a gola do casaco, levantada, não evita que a friagem o faça tiritar. Perguntamos-lhe por que se encontra ali e ele responde-nos, simplesmente, que por medo. Não tem família em Lisboa e não quis ficar no quarto alugado da velha casa onde mora. Mais à frente, num grupo de seis homens e quatro senhoras, vai-se bebericando, um tanto alegremente, «brandy» de duas garrafas. Evitam as perguntas do repórter. Os homens não acreditam nos astrólogos e as mulheres têm medo, são sinceras, dizem que têm medo, mesmo ali...

Doze estudantes de Direito e Económicas assentaram arraias numa grande parcela do passeio e comem com satisfação

dois frangos, regados com vinho verde. De boca cheia, apregoam a venda de bons terramotos por baixo preço e, de súbito, correm para dois automóveis que acabam de chegar com outros colegas. A algazarra é grande, transforma-se em alegria esufizante e a cotação dos sismos desce ainda mais... Uma de três pessoas que passam quando a propagação é muito ruidosa (duas mulheres e um homem, gente humilde, enrolada em cobertores), exclama:

— Ai meu Deus! E nós a querermos passar a noite com a graça de Deus neste lugar!

Os estudantes afirmaram que se encontravam ali por paródia, mas um deles confessa ter medo suficiente para não ficar em casa...

A manhã começa a dealbar e a nossa ronda pela cidade termina no parque Eduardo VII. Nenhum automóvel. Vinte e duas pessoas sentadas nos bancos, apesar do lento. Medo.

Lisboa começa a acordar para a vida. Palpita. Mas não há sorrisos nos rostos dos seus habitantes despertos. A ameaça trazida por um estúpido boato ainda domina as pessoas...

Pulverizadores - Polvilhadores mangueiras e outros aparelhos de rega

CELEIRO DE CASCAIS

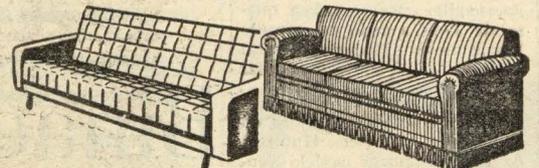
TRAVESSA DO VISCONDE DA LUZ, 32 a 36
Telefone 280 025 — CASCAIS

QUEM É QUE NÃO TEM?

O maior invento do ano. Cinema onde quiser e quando quiser, de dia ou de noite. Se ainda não tem, cole este anúncio num postal e envie-o à Realmaife, Apartado 2959, Lisboa, e receberá à cobrança, por 300\$00, uma máquina movida a pilhas e um filme de 8 m/m. Este preço de reclame é só para todos os pedidos recebidos até ao dia 31 do corrente. Aceitamos agentes para algumas localidades.

SOFÁS-CAMA E TODO O MOBILIÁRIO GRANDE CAMPANHA DE VENDAS

Bomapple
(SÍMBOLO DE QUALIDADE)



FACILIDADES ATÉ 18 MESES — SEM ENTRADA — SEM FIADOR
GARANTIA SÉRIA COM CERTIFICADO
D. Estefânia, 19 e 21 562222
R. Pedro Nunes, 2-B (à Rua Tomás Ribeiro) T. 562331

UHF MODIFICAÇÕES E MONTAGENS DE ANTENAS
Telef. 538068 ou 764010